

Resposta ao comentário de Carlos E. Barredo sobre o trabalho *Instinto (Instinkt), pulsão (Trieb), objeto (Objekt): reflexões*, de Roaldo Naumann Machado

Roaldo Naumann Machado, Porto Alegre*

“A mãe não é apenas a mãe grávida, que amamenta e depois acaricia: é a representante junto ao recém-nascido de três milhões de anos de humanização, já na forma como acaricia. A mãe é, ao mesmo tempo, a sociedade e a História” (Cornelius Castoriadis, 1999).

Procurarei, dentro do referencial teórico que privilegio, responder ao Dr. Carlos Barredo, que, de início, julga que o presente trabalho “se enquadra dentro da *antiga tradição da literatura psicanalítica* que aponta para conceber nossa disciplina dentro do marco das ciências naturais” (Barredo, 2014, p. 725, grifos meus). Estou surpreso comigo mesmo, pois não entendo exatamente o que o comentarista sugere como *ciência natural*. A psicanálise, de uma forma mais ou menos abrangente, não é uma ciência natural? A mente humana com toda sua complexidade, especialmente isto que denominamos consciência subjetiva de nós

* Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

mesmos, estaria além das *ciências naturais*? Estarei fazendo um *desvio biologizante* tentando resgatar conceitos de Freud relativamente despercebidos?

É neste sentido que se insere minha conjectura sobre a terminologia *Instinkt* e *Trieb*. Freud usou-as de diferentes formas. A citação que encabeça o respectivo trabalho que o senhor comenta é uma citação de Freud (1918) oriunda de *O homem dos lobos*, parte final do último capítulo, e dá conta das respectivas diferenças entre os conceitos, na mente de Freud, pelo menos como penso. Longe está de eu desconsiderar que tal separação é apenas conceitual e que o fenômeno vital, qualquer que seja ele, apresenta-se como uma síntese complexa de fatos. Compreensões semelhantes podem ser encontradas em diversos autores. Cito apenas alguns, o primeiro é Luiz Carlos Hanns, tradutor de diversos trabalhos de Freud direto do alemão, publicados pela editora Imago, e outro é David Maldavsky, com o qual tive o prazer de estudar e conviver diversos anos e aprender a ouvir e considerar os inúmeros saberes oriundos das diversas psicanálises e de outras ciências.

O trabalho tem como *disparador* o opúsculo de André Green publicado na nossa revista: *O intrapsíquico e o intersubjetivo: pulsões e/ou relações de objeto* (2005). Perguntei-me, diante de uma questão levantada pelo referido autor sobre se conteria a pulsão (*Trieb*) o objeto ou não: Onde se localiza o objeto? Lembrei-me de uma citação de Freud no *O eu e o id* (1923) que transcrevo literalmente, dada sua importância para o assunto aqui tratado:

[...] portanto, embora, de início, as vivências do Eu pareçam perder-se, se durante sucessivas gerações elas se repetirem com suficiente frequência e intensidade em um grande número de indivíduos, serão transformadas em, por assim dizer, vivências do Id, e suas marcas passarão a ser conservadas através da transmissão hereditária. Nesse sentido o Id abrigaria os restos de incontáveis existências-de-Eu e, ao extrair o Supra-Eu do Id, talvez esteja apenas trazendo à luz formações de Eu mais antigas, de certa forma, propiciando-lhes uma ressurreição (p. 48).

Note-se a cautela com a qual Freud expressa sua opinião. Não falta o *talvez* no seu escrito. Foi apenas neste sentido que propus que *talvez* o registro do objeto pudesse existir, tal como propõe Bion (1963), como uma pré-concepção. Portanto, se a pré-concepção apreende-se dentro da grade bioniana, é, do meu ponto de vista, um conceito estreitamente relacional, como aponta também o comentarista. Não resisti a estabelecer um vínculo desta pré-concepção com o *saber prévio* de Freud (1918) que é

isso de instintivo que seria o núcleo do inconsciente, uma atividade mental primitiva que logo a razão da humanidade, esta razão que é preciso adquirir, destrona, superpondo-se à mesma, porém que, com farta frequência, talvez em todas as pessoas, conserva a força suficiente para atrair a si os processos anímicos superiores (p. 109).

Fiz tal ilação “movido por pura curiosidade, de explorar uma ideia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar” como diz Freud (1920, p. 149). Ousei assim, de forma bastante tosca, descer às *sombras*. Sei que não irei iluminá-las completamente, pois, assim como a realidade é incognoscível, também o é o inconsciente (Freud, 1915). Neste sentido Freud apoia-se em um saber não psicanalítico, no saber filosófico de Kant. Aliás, Bion, nos seus escritos, toma Hume e Kant como referências. Interessante e também surpreendente é a afirmação de que

ademais, Bion postula, segundo creio compreender, que as transformações mais abstratas do pensamento continuam estando sujeitas a determinações inconscientes, relacionadas a um saber *não sabido* que permanece como tal apesar de suas transformações, como um vazio de saber na origem e não a um *saber prévio* localizável na filogênese biológica (Barredo, 2014, p. 726).

Penso, em primeiro lugar, que o *saber prévio* de Freud não contempla um saber sabido pela ontogenia consciente. Também, dado o fato de que “o chimpanzé e o homem compartilham cerca de 99,5% de sua história evolutiva” (Dawkins, 1976, p. 27), creio que esse *vazio de saber na origem*, segundo o comentário, não compreende o fato de que sejamos uma *tábua rasa*, sem qualquer programação prévia. É exatamente por isso que essa expressão de Freud, esse *saber prévio*, não se constitui num *saber sabido* e sim num saber que pode ser reconhecido, jamais alcançado plenamente em sua totalidade, pois, como Freud nos disse, o inconsciente assemelha-se à realidade, em si, só pode ser reconhecido pela nossa consciência (Freud 1915).

Outro aspecto, Bion deve ter conhecimento de “que as transformações abstratas do pensamento continuam sujeitas a determinações inconscientes” (Barredo, 2014, p. 726), são oriundas do saber de Freud. Basta ler o capítulo VII de *O inconsciente* (1915). Estranhamente, também é neste texto que Freud refere-se ao núcleo do inconsciente como uma população primitiva semelhante aos instintos (*Instinkt*) dos animais.

É dentro exatamente deste aspecto citado acima que não compreendo a afirmação referida a Menezes “[os conceitos] ignoram a sombra, eles recusam a noite. [...] A condição necessária para a formação de um conceito é o esquecimento do próprio, do singular, do diferente” (citado por Barredo, 2014, p. 727). Portanto se o

conceito remete não só a clarezas, mas às penumbras da espessura da linguagem que fazem as suas potencialidades e nos situam no terreno psicanalítico por excelência, o da fala associativa, o da fala interpretativa, na qual os conceitos podem se perder e ressurgir com formas inesperadas (Menezes, 2013 *apud* Barredo, 2014, p. 727).

Concluo que jamais poderemos nos livrar do saber não sabido, do *saber prévio* de Freud que tanto etólogos, biólogos, físicos, bem como os psicanalistas, certamente *os da antiga tradição*, tentam conhecer para reduzir algo deste “abismo excessivo que o orgulho humano de épocas anteriores abriu entre o homem e o animal” (Freud, 1939, p. 96). Não me atrapalho com as sinapses e os neurotransmissores, ou, talvez, com as neurociências.

Não há nenhum comentário sobre Green. Talvez porque o mesmo sugira uma *metabiologia* de uma forma semelhante à *metapsicologia* sugerida por Freud, portanto, desvios biologizantes. Pensei que talvez seja porque Green propõe a *função desobjetalizante da pulsão de morte*. Este assunto também não foi citado no comentário. Fico preocupado que a *psicanálise linguageira* seja atingida se ousar me socorrer de conceitos advindos de outras ciências, como os de *entropia negativa e positiva* de Erwin Schrödinger (1944), ou de “estruturas dissipativas” do belga Ilya Prigogine (Margulis & Sagan, 1998, p. 30). Estes autores me auxiliam a compreender a enigmática suposição de Freud (1924, p.110): “Assim esse masoquismo (erógeno) seria um testemunho e um resquício da antiga fase de formação tão essencial para a vida, em que houve um amálgama entre pulsão de morte e Eros”.

Por último, dentro da democracia que as ciências, em particular, a psicanálise, nos oferecem, penso ser necessário que convivamos com diferenças. São essas as impulsionadoras de Eros e é através das mesmas que nosso conhecimento progride. □

Referências

- Bion, W. R. (1963). *Elementos em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Castoriadis, C. (1999). Para si e subjetividade. In A. Veja-Pena & E. Nascimento (Orgs.). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 35-46.
- Dawkins, R. (1976). *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Freud, S. (1915). O inconsciente. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2), Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In *Obras completas* (Vol. 17), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2), Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1923). O eu e o id. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3), Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- Freud, S. (1939). Moisés y la religión monoteísta. In *Obras completas*. (Vol. 23), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Green, A. (2005). O intrapsíquico e o intersubjetivo: pulsões e/ou relações de objeto. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12 (1): 51-83.
- Margulis, L. & Sagan, D. (1998). *O que é a vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- Schrödinger, E. (1944). *O que é vida?* São Paulo: UNESP, 1997.

Recebido em 22/09/2014

Aceito em 30/09/2014

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

Roaldo Naumann Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: roaldomachado@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

